

Decepção com curso e custos fazem maioria desistir do sonho da faculdade - 25/06/2023

O Estado de S. Paulo - SAO PAULO-SP

CM/Coluna: - CM2: Audiência: 755000

A18



METRÓPOLE

DOMINGO, 25 DE JUNHO DE 2023
O ESTADO DE S. PAULO

Ensino superior

Decepção com curso e custos fazem maioria desistir do sonho da faculdade

— Os números mostram que a desistência é maior em instituições privadas (59%), mas chega a 40,3% nas públicas. Também há maior abandono em cursos a distância

RENATA CAFARDO

Mais da metade (55,5%) dos alunos que entram na faculdade no Brasil desiste dos cursos antes de se formar. Nas áreas de tecnologia, como Ciência da Computação, Design de Games e Sistemas de Informação, que estão entre as que mais empregam, o abandono é ainda maior do que a média: 6 em 10 saem antes de terminar. Os números são do Mapa do Ensino Superior no Brasil, do Instituto Semesp, e o motivo da desistência: frustração com currículos e questões econômicas e de mercado.

“Eles (os ingressantes) quem ter contato com o mundo do trabalho, gerar renda, ser mais independentes e acabam se frustrando com discussões teóricas”, afirma o diretor executivo do Semesp, Rodrigo Capelato. Pela primeira vez, a pesquisa da entidade, que representa as faculdades privadas em todo o País, mapeou indicadores de trajetória dos alunos e não só evasão informada no primeiro ano.

Depois de TI, as áreas que mais perdem alunos são as engenharias. Do total que ingressou em 2017, 56,3% não terminaram o curso em 2021. Nas universidades privadas, a desistência é ainda maior em todas as áreas. Nas engenharias, chega a 63% em Direito, o índice é de 54,2%, o mesmo de Pedagogia.

Usando o ano de 2017 como base para ingressantes na faculdade, os dados mostram que 55,5% dos alunos tinham deixado os cursos em 2021 no Brasil. Após cinco anos, apenas 26,3% haviam se formado e outros 18,1% ainda estavam cursando.

Para Capelato, a desistência em cursos de graduação é uma preocupação no mundo todo, pela pouca aderência que o curso superior tem em relação às expectativas dos jovens. Mas o Brasil tem números mais altos, segundo ele, principalmente por questões econômicas. “A pessoa ingressa e não consegue continuar pagando. Ou entram no curso mais barato porque é o que pode pagar, mas não estava vocacionada para aquela área”, afirma.

“Muitas vezes quer fazer Arquitetura, mas faz Pedagogia a



Entre os programas que mais há desistência estão Design de Games (75,9% abandonam antes de acabar) e Banco de Dados EAD (72,7%)

distância porque é o que cabe no bolso. A chance de se frustrar e desistir é enorme”, diz.

Os números mostram que a desistência é maior em instituições privadas (59%), mas o número é alto até entre as públicas (40,3%), gratuitas e consideradas de excelência no País. Também há maior abandono em cursos feitos a distância (EAD) do que nos presenciais.

Nos últimos anos, o Brasil tem registrado alta significativamente de cursos EAD, com preços mais baixos e que atraem principalmente estudantes de baixa renda e levam a questionamentos sobre a qualidade de formação. O aumento da oferta entre 2020 e 2021, segundo o Mapa do Ensino Superior, foi de 26,6% na rede privada, onde estão 92,6% dos cursos não presenciais.

Hoje, 62,8% dos estudantes que entram no ensino superior brasileiro vão para cursos a distância. A inversão com relação aos cursos presenciais vem desde 2019, e se acelerou com os efeitos da pandemia. A área com menor desistência é Medicina, com cursos caros em universidades privadas e difíceis de entrar, o que faz com que seja uma opção mais refletida. Só 18% dos estudantes de Medicina desistem.

TECNOLOGIA DA INFORMAÇÃO. Já nos cursos nas áreas de TI o índice é de 65,5%. Segundo especialistas, o mercado de trabalho aquecido, que emprega sem necessidade de diploma, e a desatualização dos currículos fazem os jovens não verem

sentido em terminar uma graduação em TI.

Entre os que mais há desistência estão Design de Games (75,9% abandonam antes de acabar) e Banco de Dados EAD (72,7%). Segundo o consultor de educação em TI Carlíxtrato Mendonça, que comenta o estudo, as instituições deveriam “assinar acordos e convênios com empresas de tecnologia”. Dessa forma, as demandas do mercado poderiam ser incluídas nos currículos, o que deixaria os cursos mais atrativos.

“A pessoa ingressa e não consegue continuar pagando. Ou entra no curso mais barato porque é o que pode pagar, mas não estava vocacionada para aquela área. Muitas vezes quer fazer Arquitetura, mas faz Pedagogia a distância porque é o que cabe no bolso. A chance de se frustrar é enorme”

Rodrigo Capelato
Diretor do Semesp

Capelato afirma que as universidades precisam repensar seus currículos de TI, incluindo disciplinas cursadas dentro das empresas, com certificações. “Hoje se o aluno faz microcertificações independentes tem mais chances de crescer no emprego do que fazer um bacharelado de quatro anos.”

No entanto, ele alerta que esses jovens, que preferem for-

mações estritamente técnicas, não adquirem competências e habilidades comportamentais que serão importantes no futuro no trabalho, presentes em um curso superior de qualidade. “Serão ótimos programadores, por exemplo, mas terão dificuldade de assumir cargos de liderança, trabalhar em equipe, lidar com problemas, ter pensamento crítico, se comunicar bem”, avalia.

Outro problema é uma educação básica sem qualidade, com formação insuficiente na área de Exatas, o que faz com que os estudantes não consigam acompanhar os cursos superiores de tecnologia e desistam. No Brasil, só 5% dos alunos terminam o ensino médio com desempenho considerado adequado em Matemática, conforme avaliações do Ministério da Educação (MEC).

MAGNITUDE. Segundo o Mapa do Ensino Superior, há 468 mil estudantes cursando o ensino superior em áreas de TI, 49,8% deles em cursos EAD. A maioria está no Sudeste e em São Paulo. Os cursos mais procurados são Ciência da Computação, Sistemas de Informação e Gestão de Tecnologia da Informação.

A modalidade a distância é a que mais cresce na área de TI, com 45% a mais de alunos entre 2020 e o ano seguinte. Mesmo com a demanda crescente no mercado de profissionais nessas áreas, os cursos presenciais têm perdido alunos de TI ano a ano.

Os dados surgem no momento em que se discute o formato do ensino médio e de seu prin-

cipal “vestibular”, o Exame Nacional do Ensino Médio (Enem). No evento Reconstrução da Educação, no Estádio, a secretária executiva do MEC, Izolda Cela, disse que acreditava que se chegaria a um consenso sobre a reforma após a consulta pública prevista que terminará na primeira semana de julho. “Precisamos ouvir. E não é fácil ouvir aquelas mensagens que vêm da força de quem está empenhado e sente no dia a dia os efeitos (do novo ensino médio)”, afirmou a secretária executiva.

Também no Reconstrução, outro representante do MEC afirmou que o Enem deve avaliar a formação geral básica do aluno, com as disciplinas tradicionais, como Português e Matemática. “Esse é o Enem justo, que foca no currículo comum para todo o mundo”, afirmou o diretor de Políticas e Diretrizes da Educação Integral Básica, Alessandro Santos, referindo-se a como a prova deve ficar após discussões sobre o novo ensino médio.

PERSPECTIVAS. Para pesquisadores especializados em juventude, recortes precisam ser feitos para que se possa pensar sobre a universidade do futuro no Brasil, pois que tem 50 milhões de habitantes na faixa etária de 15 e 29 anos e 8,9 milhões de universitários (segundo o Censo da Educação Superior de 2021).

Ouvido recentemente pelo Estádio, Paulo Carrano, professor e pesquisador da Universidade Federal Fluminense (UFF), destaca que o papel

Decepção com curso e custos fazem maioria desistir do sonho da faculdade - 25/06/2023

O Estado de S. Paulo - SAO PAULO-SP

CM/Coluna: - CM2: Audiência: 755000

DOMINGO, 25 DE JUNHO DE 2023
O ESTADO DE S. PAULO

METRÓPOLE AIS

Saiba mais

Pesquisa mostra busca por visão globalizada

• **A opinião dos jovens**
Para os jovens da América Latina e do Caribe, a esperança é de que, em 2050, as universidades incluam conhecimentos diversificados e sejam um ambiente com uma educação mais globalizada. É o que mostra uma pesquisa conduzida pela Unesco e pelo Instituto Internacional para a Educação Superior na América Latina e no Caribe (Iesale). Segundo a pesquisa, para que o ensino superior do futuro corresponda às expectativas da juventude de hoje, ele deve ser mais acessível, inovador, sustentável, igualitário e de alta qualidade. Para 21% dos entrevistados, quanto mais pessoas têm acesso às universidades melhor se torna a sociedade.

◉ do ensino superior no País está muito vinculado à forma como a educação básica é implementada. "Ela acaba servindo como um 'plus' nas chances de empregabilidade, quase que a chance de você se inserir produtivamente. E não deveria ser isso, mas um percurso de aprimoramento, de desenvolvimento, profissional até."

Ele foi responsável por coordenar a pesquisa Juventudes do Brasil pelo Observatório da Juventude na Ibero-América (O-JI). Publicado em 2021, o levantamento aponta que, embora sejam mais escolarizados que seus pais, os jovens de hoje vivem uma situação de insegurança em relação ao trabalho e sentem, por exemplo, mais medo de ficar sem emprego no futuro do que de perder o emprego atual. "É o desafio entre prover para sua família e, ao mesmo tempo, apostar em uma inserção no ensino superior que no futuro pode ou não dar recompensa. A gente tem diante de nós algo que a estatística chama de desemprego de formação, que são pessoas altamente qualificadas que não conseguem colocação no mercado", afirma.

A educação ocupou o quarto lugar nas preocupações dos ouvidos pela pesquisa. São mencionados fatores como o acesso ainda restrito à educação superior no País, a falta de condições de continuar estudando, a dificuldade de conciliar trabalho e estudo e a falta de garantia de empregabilidade comparável com a escolaridade atingida. **● COLABOROU RAFA TOLADO, ESPECIAL PARA O ESTADO**

RAIO X

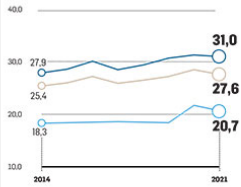
Mais da metade dos estudantes que entram na faculdade desiste dos cursos antes de se formar

EVASÃO*

EM PORCENTAGEM

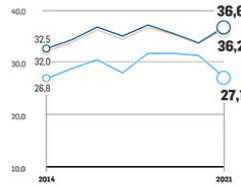
Cursos presenciais

Depois de um tombo de 9,4% das matrículas em 2020, os cursos presenciais perderam mais 5,5% de matrículas em 2021, mantendo a tendência de diminuição registrada nos últimos anos



Cursos EAD

Após um salto de 26,8% em 2020, o crescimento das matrículas dos cursos EAD teve uma desaceleração em 2021, com uma alta de 19,7% no período, 7,1 pontos percentuais a menos



INDICADORES DE TRAJETÓRIA

EM PORCENTAGEM

TAXA DE PERMANÊNCIA: PORCENTUAL DE INGRESSANTES QUE ESTÃO COM VÍNCULO ATIVO NO CURSO NO ANO DE REFERÊNCIA. TAXA DE CONCLUSÃO ACUMULADA: PORCENTUAL DE INGRESSANTES QUE CONCLUÍRAM O CURSO ATÉ O ANO DE REFERÊNCIA. TAXA DE DESISTÊNCIA ACUMULADA: PORCENTUAL DE INGRESSANTES QUE DESISTIRAM DO CURSO ATÉ O ANO DE REFERÊNCIA.

Geral

O Brasil segue com altas taxas de evasão. De acordo com os gráficos abaixo, é possível acompanhar a trajetória dos estudantes, especificamente ingressantes de 2017, para checar os percentuais de sucesso e desistência dos alunos. A taxa de conclusão é de apenas 26,3%, por exemplo, com as maiores taxas de concluintes em cursos presenciais e EAD na rede privada

	PRIVADA	PÚBLICA	TOTAL
PRESENCIAL	15,5 28 56,5	41,3 19,3 39,4	21,5 28 52,5
EAD	9,5 27,2 63,3	31 24,1 44,9	11,4 26,9 61,7
TOTAL	13,3 27,7 59	39,6 20,1 40,3	18,1 26,3 55,5

Cursos presenciais

Em virtude da duração mais extensa dos cursos de Medicina, as taxas de permanência destes são as mais altas, tanto na rede pública quanto na privada. Em compensação, os cursos tecnológicos e demais cursos possuem taxas bem maiores de alunos concluintes

	PRIVADA	PÚBLICA	TOTAL
DEIRETO	21,8 23,8 54,2	46,9 29 24	23,6 24,3 52,1
MEDICINA	75,6 3,4 20,9	86,2 2,2 11,5	78,9 3 18
PEDAGOGIA	8,5 39,2 54,2	37,9 28,5 32,5	14,2 36,8 48,9
ENGENHARIA	19,6 17,3 63	48,8 10,7 40,4	28 15,4 56,5
TECNOLOGIAS	4,3 38,7 57	17,6 28 54,4	7,1 36,4 56,4

EAD

Por serem cursos de duração mais curta, a modalidade EAD possui baixas taxas de permanência. Em compensação, as taxas de desistência são bem mais altas do que a média. Nas redes privada e pública, a maior taxa de desistência está nos cursos de Engenharia

	PRIVADA	PÚBLICA	TOTAL
PEDAGOGIA	10,3 36 53,7	29,3 34,9 35,7	11,7 35,9 52,4
ADMINISTRAÇÃO	10,6 22,1 67,3	59,1 18,4 22,5	12 22 66
ENGENHARIAS	18,6 11,1 70,3	33,9 0,2 66	22,1 6,6 69,3
TECNOLOGIAS	6,8 30,9 62,5	13,3 37,2 49,5	6,8 31,1 62,1
ÁREA DE SAÚDE E BEM-ESTAR	11,2 20,1 68,7		

*TAXA DE EVASÃO = (MATRÍCULAS TRANCADAS + DESVINCULADO CURSO + FALCADO) / (TOTAL DE MATRÍCULAS + MATRÍCULAS TRANCADAS + DESVINCULADO CURSO + FALCADO)

FONTE: INSTITUTO SEMESP/INEP | INQUÉRITO ESTADUAL

Outros dados

Depois de queda em 2020, setor voltou a crescer

• **Instituições**
Após uma queda de 5,8% no total de instituições de ensino superior no País em 2020, em virtude do impacto da pandemia da covid-19, o setor voltou a crescer em 2021 com um aumento de 4,8% no total de instituições. Com 87,8% das instituições de ensino superior brasileiras, mantendo o patamar do período anterior, a rede privada cresceu 5%, ante 3% de aumento registrado na rede pública.

• **Matrículas**
Depois de um crescimento de somente 0,9% das matrículas de 2019 para 2020, 2021 voltou a apresentar um aumento significativo, ainda que pequeno, de 3,5%. Mais uma vez, a rede pública teve déficit de mais de 6% nas matrículas, enquanto a rede privada teve crescimento de 2,7% no total de alunos. A rede privada segue concentrando as matrículas do ensino superior: 76,9% dos estudantes.

• **Taxa de escolarização**
No comparativo com o ano de 2020, a taxa de escolarização líquida manteve-se estável, caindo de 17,8% para 17,7% em 2021. O País segue na luta, mas distante da Meta 12 do Plano Nacional de Educação, que estabelece um índice de 33% já no próximo ano, em 2024.

• **Concluintes**
O número de concluintes de cursos presenciais em 2021 caiu 4,1%, pouco menos do que em 2020 (6%). Na rede privada, a queda foi de 6,8%, ante 5,9% da rede pública (bem menos do que os 22,1% do período anterior). E 76,6% dos concluintes estão na rede privada. Nos cursos EAD, 95,6% dos concluintes estão na rede privada. Entre os anos 2020 e 2021, o número de concluintes em cursos EAD aumentou 21,2% a 21,1% na rede privada e 23,4% na pública. É um avanço para a modalidade em virtude das altas taxas de evasão.

• **Parte**
Olhando especificamente o porte das instituições de ensino superior da rede privada, a maior percentual de concluintes está nos cursos presenciais de instituições pequenas. As maiores taxas de desistência estão nas de porte gigante, com 63,2% nos cursos presenciais e 63,8% no EAD.